



A Santa Sé

LEÃO XIV

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 27 de agosto de 2025

[Multimídia]

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. III. A Páscoa de Jesus. 4. A entrega. "Quem procurais?" (Jo 18,4)

Prezados irmãos e irmãs!

Hoje meditamos sobre uma cena que marca o início da paixão de Jesus: o momento da sua detenção no horto das Oliveiras. O evangelista João, com a sua habitual profundidade, não nos apresenta um Jesus apavorado, que foge ou se esconde. Pelo contrário, mostra-nos um homem livre, que se aproxima e toma a palavra, enfrentando abertamente a hora em que se pode manifestar a luz do amor maior.

«Sabendo Jesus tudo o que lhe ia acontecer, aproximou-se e disse-lhes: “A quem buscais?”» (Jo 18, 4). Jesus sabe. No entanto, decide não recuar. Entrega-se. Não por debilidade, mas por amor. Um amor tão pleno, tão maduro, que não teme a rejeição. Jesus não é preso: deixa-se prender. Não é vítima de uma detenção, mas autor de um dom. Neste gesto encarna-se uma esperança de salvação para a nossa humanidade: saber que, até na hora mais obscura, podemos permanecer livres para amar até ao fim.

Quando Jesus responde «sou eu», os soldados caem por terra. Trata-se de uma passagem misteriosa, dado que na revelação bíblica esta expressão evoca o próprio nome de Deus: «Eu sou». Jesus revela que a presença de Deus se manifesta precisamente onde a humanidade

experimenta a injustiça, o medo, a solidão. É exatamente ali que a verdadeira luz está disposta a brilhar, sem medo de ser dominada pelo avançar das trevas.

No coração da noite, quando tudo parece desabar, Jesus mostra que a esperança cristã não é evasão, mas decisão. Esta atitude é fruto de uma profunda oração na qual não pedimos a Deus que nos poupe do sofrimento, mas que nos dê força para perseverar no amor, conscientes de que a vida livremente oferecida por amor não nos pode ser tirada por ninguém.

«Se é, pois, a mim que procurais, deixai que estes partam» (*Jo 18, 8*). No momento da sua prisão, Jesus não se preocupa em salvar-se a si mesmo: deseja apenas que os seus amigos possam ser livres. Isto demonstra que o seu sacrifício é um verdadeiro ato de amor. Jesus deixa-se apanhar e aprisionar pelos guardas só para poder deixar que os seus discípulos sejam livres.

Jesus viveu cada dia da sua vida como preparação para esta hora dramática e sublime. Por isso, quando ela chega, tem a força de não procurar uma saída. O seu coração sabe bem que perder a vida por amor não é um fracasso, mas possui uma misteriosa fecundidade. Como o grão de trigo que, precisamente ao cair na terra, não fica só, mas morre, tornando-se fecundo.

Até Jesus se sente inquieto diante de um caminho que parece levar unicamente à morte e ao fim. Mas está igualmente convencido de que, no final, só uma vida perdida por amor se reencontra. É nisto que consiste a verdadeira esperança: não em procurar evitar a dor, mas em acreditar que, até no coração dos sofrimentos mais injustos, se esconde a semente de uma vida nova.

E nós? Quantas vezes defendemos a nossa vida, os nossos projetos, as nossas seguranças, sem nos darmos conta de que, agindo assim, ficamos sós. A lógica do Evangelho é diferente: só o que se dá floresce, só o amor que se torna gratuito pode restituir confiança até onde tudo parece perdido.

O Evangelho de Marcos narra-nos também de um jovem que, quando Jesus é preso, foge nu (cf. *Mc 14, 51*). É uma imagem enigmática, mas profundamente evocativa. Também nós, na tentativa de seguir Jesus, vivemos momentos em que somos surpreendidos e ficamos despojados das nossas certezas. São os momentos mais difíceis, nos quais somos tentados a abandonar o caminho do Evangelho porque o amor nos parece um percurso impossível. No entanto, será precisamente um jovem, no final do Evangelho, que anunciará a ressurreição às mulheres, não já nu, mas vestido com uma túnica branca.

Esta é a esperança da nossa fé: os nossos pecados e hesitações não impedem que Deus nos perdoe e nos restitua o desejo de retomar o nosso seguimento, para nos tornar capazes de oferecer a vida pelos outros.

Caros irmãos e irmãs, aprendamos também nós a entregar-nos à boa vontade do Pai, deixando

que a nossa vida seja uma resposta ao bem recebido. Na vida não é necessário controlar tudo. É suficiente escolher, todos os dias, amar com liberdade. É nisto que consiste a verdadeira esperança: em saber que, até na obscuridade da provação, é o amor de Deus que nos sustenta, fazendo amadurecer em nós o fruto da vida eterna.

APELO

Na sexta-feira passada, pudemos acompanhar com a oração e o jejum os nossos irmãos e irmãs que sofrem por causa das guerras. Hoje, volto a dirigir um forte apelo tanto às partes envolvidas como à comunidade internacional para que se ponha fim ao conflito na Terra Santa, que causou tanto terror, destruição e morte.

Suplico que todos os reféns sejam libertados, que se chegue a um cessar-fogo permanente, que se facilite a entrada segura da ajuda humanitária e que se respeite integralmente o direito humanitário, em particular a obrigação de proteger os civis e as proibições de punição coletiva, do uso indiscriminado da força e da deslocação forçada da população. Associo-me à Declaração conjunta dos Patriarcas greco-ortodoxo e latino de Jerusalém, que ontem pediram para «pôr fim a esta espiral de violência, para acabar com a guerra e dar prioridade ao bem comum das pessoas».

Imploremos Maria, Rainha da paz, fonte de consolação e esperança: que a sua intercessão obtenha reconciliação e paz naquela terra tão querida a todos!

Saudações:

Saúdo com alegria todos os peregrinos de língua portuguesa, especialmente os vindos de Portugal e do Brasil. Queridos irmãos e irmãs, roguemos ao Senhor que nos ensine a ter um coração inflamado de amor por Ele e pelos outros, a fim de que, mesmo na hora mais difícil, possamos amar até ao fim. Que a Mãe de Deus vos proteja e guarde sempre!

Resumo da catequese do Santo Padre:

A prisão de Jesus no Horto das Oliveiras marca o início da sua Paixão. Ele sabe o que está para acontecer e enfrenta a injustiça, sem retroceder. Não estamos diante de uma captura: foi Ele que se entregou por amor, como um verdadeiro dom. Os dias de Jesus foram uma preparação para

esta hora dramática e sublime. Embora, como qualquer homem, tenha experimentado a perturbação diante do risco da morte, o Redentor demonstra que somente uma vida doada por amor aos outros não se perde, tal como o grão que, ao morrer, dá muito fruto. Assim, a esperança cristã não é ausência de sofrimento, nem fuga diante das dificuldades, mas é reconhecer que em cada decisão de perseverar no amor até ao fim, está a semente de uma vida nova. Logo, não é preciso ter tudo sempre sob controle, mas escolher todos os dias amar com liberdade.